

CRASE

Ano 2 - 15ª Edição - Outubro - 2011

#15

Outubro - 2011

Podres Poderes

*Segurança para uns,
perseguição pra outros*

Da literatura conspiratória

*O escritor Pedro Silva
conversa com a gente*

Lama, Dor, Confusão e Glória

*Temos estrutura para
grandes festivais?*



Novidades a cami

inho.

REVISTA
CRASE

Um ano fazendo a diferença.

índice

p. 08 **Editorial**

p. 10 **Da Literatura Conspiratória**
O escritor Pedro Silva conversa com a Crase sobre suas muitas obras.

p. 18 **O Absurdo das Mulheres**
O premiadíssimo espetáculo de Raphael Miguel e Leandro Bertholini.

p. 24 **(Re)utilize**
Use as tendências da estação de um jeito mais sustentável.

p. 28 Podres Poderes

Os catalizadores da bagunça que é a segurança pública.

p. 36 Pau Pra Toda Obra

As vantagens e desvantagens do ser humano híbrido.

p. 40 Lama, Dor, Confusão e Glória

Os altos e baixos dos festivais musicais.

p. 46 CRASE Vínicius José

CONVIDA

O cineasta fala sobre seu apreço por Kevin Smith e seus trabalhos.

REVISTA **CRASE**

DIRETORIA

Direção-Geral: Dans Souza
Diretor de Redação: Rafael Farah

REVISTA CRASE

Redatores: Amanda Guerra, Bruno Buhr,
Cadu Senra, Clarissa Affonseca,
Leandro Bertholini, Vinícius Baião
Produção: Hélio Lobato, Yves Araujo

ARTE

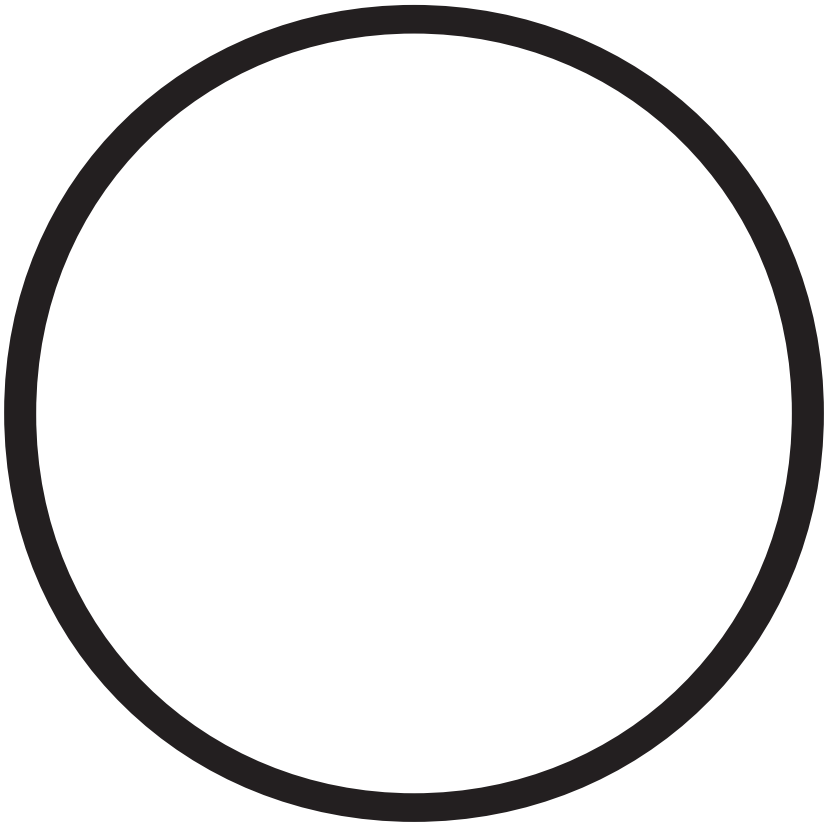
Diretor de Arte e Diagramação: Nicolas Dani
Assistente: Clarissa Affonseca

FOTOGRAFIA

Editor-Responsável: Diego Val

INTERNET

Desenvolvedor: Dans Souza



Editorial

Como o carioca e patriota que sou, sempre vou achar o Brasil um país lindo – não apenas esteticamente -, apesar de suas muitas complicações. Mas qual país não sofre de algum mal? Sejam seus cidadãos, governantes ou projetos arquitetônicos pra lá de estranhos. No nosso caso, um dos maiores problemas encontrados é a segurança pública, que entra projeto e sai projeto, continua a mesma bagunça.

No entanto, existem aqueles campeões da moralidade – e aqui digo sem qualquer conotação sarcástica – que enfrentam alguns dos muitos catalizadores deste problema. É o caso de Marcelo Freixo, mencionado na edição deste mês, cujo exaustivo trabalho é o de limpar as ruas do Rio de Janeiro. Um pequeno passo para o homem, mas um grande salto para os brasileiros.

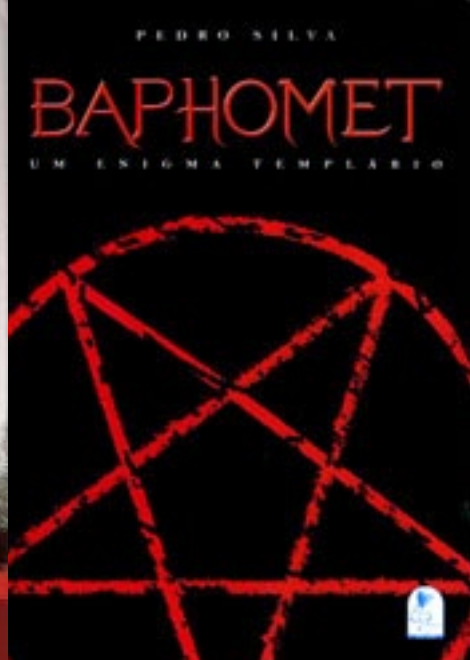
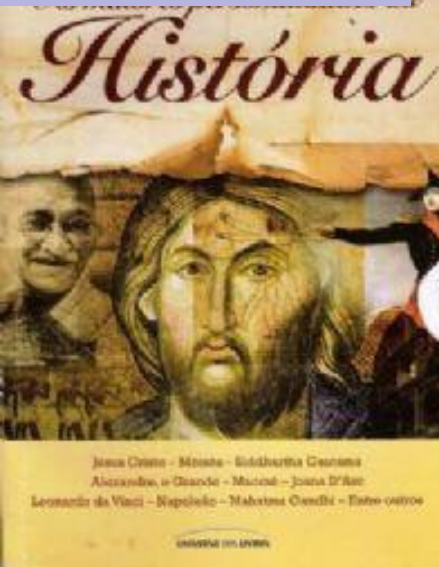
Em uma nota positiva, apresentamos para vocês o escritor português Pedro Silva; em entrevista

exclusiva concedida à Crase, nosso conterrâneo da Terra-Mãe nos conta sobre suas inúmeras publicações e seu trabalho – brilhantemente imparcial – com literatura conspiratória. Ainda não estão satisfeitos? Deliciem-se então com o espetáculo Mulheres da Rua 23, que estreou recentemente no Rio de Janeiro, uma comédia para botar sorriso no rosto do avô mais sisudo.

Então é assim que vos entrego a décima quinta edição da Revista Crase, recheada de presentes - como de costume - e com direito à capa ilustrada por nosso amigo Carlos Latuff, outro guerreiro dos direitos humanos.

Um grande abraço a todos, espero que gostem!

Rafael Farah



Da literatura conspiratória

O apelo de teorias da conspiração para os brasileiros na literatura.

por Amanda Guerra

É fato consumado que a maioria dos humanos briga por poder. Desde o início dos tempos, vive-se numa luta constante para dominar o próximo. Com o fim de todos os tipos de eras declaradamente bárbaras, a forma de poder

que tem se mostrado mais útil é o conhecimento.

Dito isso, note-se que o poder de algo é algo irrelevante em vista da intimidação que pode causar. Aquela velha história “não importa o quão fraco você é, desde que

seus inimigos acreditem que você é forte o bastante”. A partir daí, o conhecimento não é tão importante. E sim, demonstrar conhecimento. Nesta parte entram as grandes teorias conspiratórias. A vontade de demonstrar um saber oculto, quase proibido fascina as pessoas. A sensação de ter uma informação precisa e misteriosa, de conhecer mais que o outro. Isso é o poder. Isso, além de tudo, alavanca a produção literária.

Impossível não citar Dan Brown com todos os seus livros, conspirações católicas e de estado. Encontra-se toda a sorte de informações privilegia-

das e, com certeza, fez e ainda faz parte de boa parte das argumentações de conversas de bar.

Mas nem só de Símbolos Perdidos é feito um estílo, e está a disposição no mercado uma grande variedade de temas com a mesma linha. Por exemplo Graphic Novels, como Badlands: O Fim do Sonho Americano, lançado pela Devir, que conta a história da conspiração que matou John Kennedy. A Rocco relançou esse ano O Enigma do Oito, que também conta a história de uma conspiração religiosa. O Códex 632, pela Record, se propõe a revelar a identidade de Cristóvão Colombo.

Mas a febre não se restringe ao meio literário. A emissora ABC acabou de comprar um piloto sobre uma conspiração envolvendo os 12 apóstolos de Jesus. Criado por Paul Scheuring – o mesmo de Prison Break – o seriado Zero Hour já

promete virar mania e argumento lógico. E assim por diante, rumo ao infinito, as teorias de conspiração vão ganhando cada vez mais espaço. E não como entretenimento, mas como fonte primária de saber. O que não seria tão recomendável.

Entrevista Pedro Silva



Pedro Silva é um escritor português nascido em Tomar, ao ano de 1977. Com mais de 50 livros publicados, procura trazer para o grande público o acesso à ensaios históricos. Pedro escreve assuntos de conspirações, mas com a classe e o compromisso de um historiador. E esse compromisso é o que torna suas obras tão dignas.

Acreditando que é possível manter um estilo de leitura agradável mesmo traduzindo descobertas acadêmicas, é colaborador de revistas como “História Viva”, “Desvendando a História” e “Aventuras na História”.

Vamos começar pela sua história. Desde quando se interessou por literatura?

Pedro Silva: Bem, na verdade, creio que tudo começou de forma muito precoce. Aprendi a escrever com cinco anos e logo a partir daí comecei a (tentar) criar pequenas histórias, com intuito literário, ainda que (obviamente) de forma muito básica.

Aos 10 anos de idade você já era premiado. Conte-nos sobre isso.

O prêmio literário que obtive com cerca de dez anos surgiu num suplemento literário de um jornal português, o qual estava vocacionado para a literatura juvenil. Concorri com dois textos e um deles obteve a consagração.

A maior parte dos seus livros é de não ficção, com raízes fortes em ensaio histórico. Qual foi o processo de pesquisa para estes livros?

O processo de pesquisa é algo que apenas varia em termos de tempo empregue, ou seja, quando se trata de uma obra encomendada, temos prazos mais apertados que temos de cumprir. Nas restantes situações, posso dar-me ao luxo de maturar mais sobre os assuntos e criar uma obra mais profunda e com uma vertente menos comercial. Basicamente a investigação centra-se em três vertentes: scripto (livros e afins), vídeo (filmes e documentários) e visita in loco (sempre que possível, presença física nos locais retratados nas obras).

O público leitor brasileiro anda bastante inclinado a obras de cunho simbólico e conspiratório. Você acha que isso afeta de forma negativa seus livros?

Para ser muito sincero, desde que comecei a escrever com intuito de vir a ser profissional (ou seja, por volta dos 16 anos), sempre mantive a mesma linha de abordagem nas minhas obras. Isto significa que dificilmente fico susceptível a ser afectado de forma externa. Por outro lado, no que diz respeito aos leitores e à aquisi-

ção de livros, nesse caso, é normal que as tendências ditem a vertente comercial e, por vezes, sou afectado – quando os leitores buscam outras temáticas ou outras formas de elaboração das obras.

Quão tênue é a linha entre a conspiração e o estudo histórico?

Essa é uma pergunta para a qual ainda não encontrei resposta. A título meramente pessoal, sempre optei por uma total neutralidade, o que me leva a não aceitar ser membro de associações fraternais. Porém, a grande verdade é que, em termos históricos, há sempre a questão de perceber até que ponto o ensaísta é influenciado pelo ambiente em que o rodeia, pelas suas crenças e convicções. Pois, na verdade, um escritor é um ser humano. Procuro que os meus livros sejam o mais isentos possível. Espero estar a cumprir a minha missão da melhor forma.

E a relação com a maçonaria? Houve problemas em lançar livros com esse cunho?

O facto de eu não ter relação directa com a Maçonaria não foi impeditivo de escrever sobre a sua história. Felizmente, mantenho excelente relacionamento insti-

tucional com toda a gente. E é um orgulho pessoal ter amizades em todas as instituições, em todos os credos e de todas as nacionalidades.

Além disso tudo, ainda encontramos publicações destinadas a crianças. Como é escrever para um público tão distinto?

Ao contrário do que se possa pensar, não é tão complexo assim. Na verdade, considero muito gratificante ter a oportunidade de escrever para públicos diversos. Exige mais de mim em termos intelectuais. Mas creio que essa bagagem cultural que nos permite aceder a várias linhas temáticas e géneros literários surge porque, desde que me conheço, que aprecio ler. E leio todos os autores e quase todos os temas. E do conhecimento teórico surge a capacidade prática.

Você colaborou com revistas brasileiras como “Aventuras na História”, “Desvendando a História” e “História Viva”. Como foi a experiência? O público dessas revistas costuma se interessar mais por curiosidades do que por estudos, o caminho que abraça os dois é possível?

Antes de mais, tenho de afirmar publicamente que foi uma honra poder ter colaborado com essas revistas

brasileiras de História. Mesmo enquanto autor sempre defendi a visão do leitor, ou seja, estudos maçudos e complexos não são interessantes excepto nas academias. Assim sendo, reconheço-me plenamente na visão dessas revistas e, respondendo muito claramente, sei, por experiência própria, que é possível dar ao leitor um meio-termo entre curiosidades (visão light) e um estudo isento e correcto (mas liberto da pressão académica que é comercialmente pouco atraente).





Um Absurdo de Mulheres

De volta ao Rio de Janeiro, as Mulheres arrancam gargalhadas dos espectadores.

por Nicolas Dani

O século XIX ainda é capaz de nos proporcionar algumas surpresas agradáveis. Acomodadas nesta fenda

temporal, duas simpáticas senhoras, ambas viúvas, se encontram diariamente em um misterioso banco de praça fixado na

Rua 23, para revisitar histórias de seu passado de maneira bem humorada, leve e cativante. Assim se desenrola a notável peça: “As Mulheres da Rua 23”, que possui uma atmosfera instigante e enigmática, capaz de transportar o espectador pelo espaço e tempo fazendo dele um caroneiro dos contos destas mulheres. Como que escrita por especialistas da psiquê humana, o desfecho é – além de cômico – um prato feito para graduados e entusiastas do comportamento humano.

Em outubro de 2008, o espetáculo escrito a quatro mãos por Leandro Bertholini e Raphael Miguel entrou em cartaz.

“...A peça se desenvolve de maneira leve e inteligente...”

Além do excelente texto, a interpretação dos dois atores que incorporam as personagens Catharina (Leo Campos) e Jovelina (Leandro) vai além do eficiente, se moldando de maneira brilhante com o decorrer da comédia. A direção de Carlos Alexandre afiança um dinamismo perfeitamente compatível com o texto, empreendendo um ritmo capaz de cultivar e extrair todo o potencial humorístico da peça, que gira ao redor das duas

amigas. Despretensiosa e sob forte influência do Teatro do Absurdo, que essencialmente busca a quebra dos paradigmas entre ficção e realidade, entre sanidade e loucura, a peça se desenvolve de maneira leve e inteligente, arrancando gargalhadas históricas do começo ao fim. “Ao escrever este texto, tive a preocupação de trazer uma proposta dramática pouco usual, já que vemos muitas comédias sendo produzidas mas poucas em cima da linguagem nonsense”, ressalta Leandro, idealizador do projeto. “Existem pouquíssimos dramaturgos brasileiros influenciados pelo gênero Absurdo”, continua.

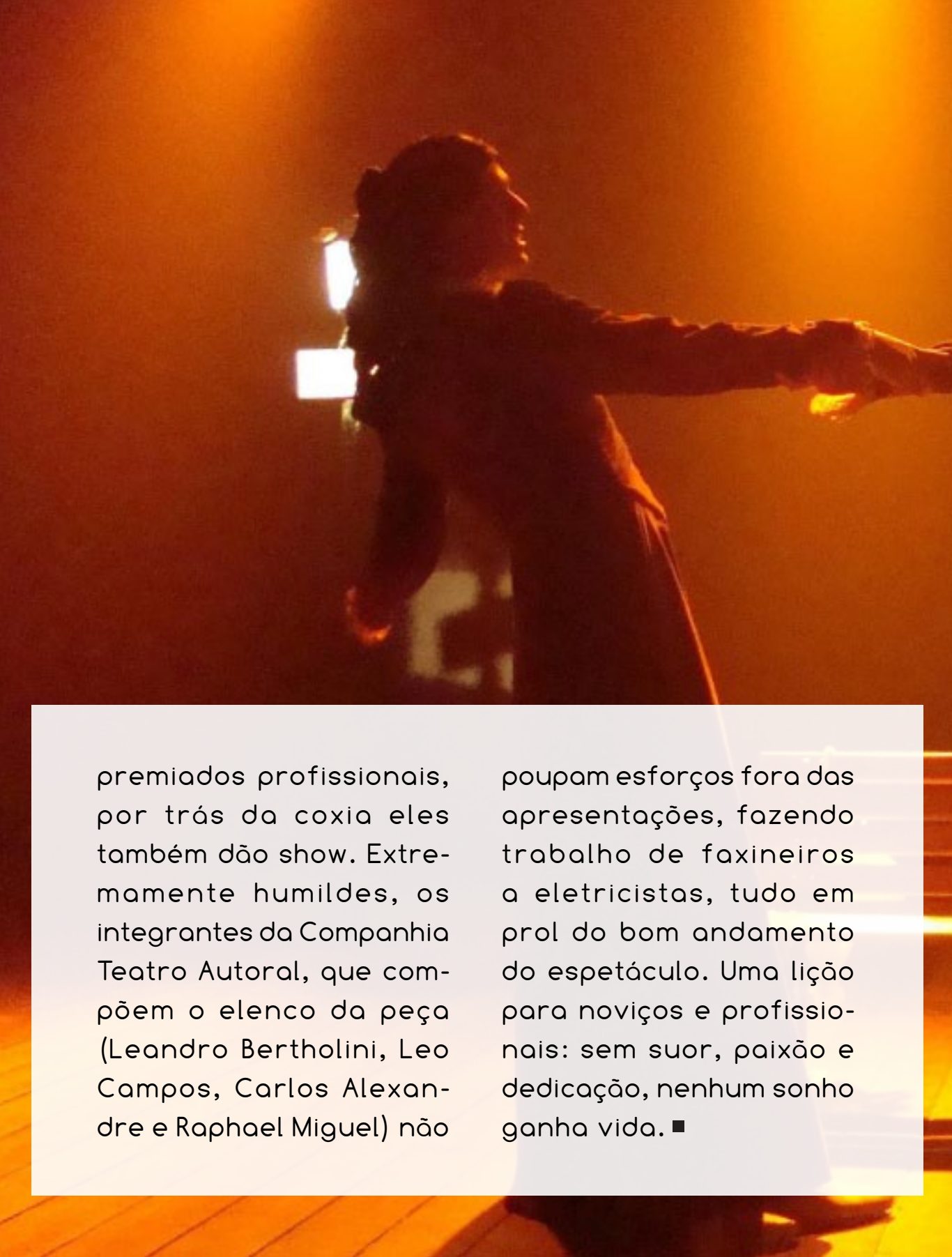
Por onde passa, o espetáculo vem criando fãs e arrebatando prêmios, como em seu debute em 2010, no IV Festival Nacional de Teatro em Juiz de Fora, onde ganharam prêmios de melhor ator e melhor espetáculo pelo júri popular. Na ocasião, pela primeira vez na história do festival, o prêmio de melhor ator foi entregue para dois artistas da mesma companhia. Já em 2011, no Festival Nacional de Goiânia, um espetáculo mais maduro e promi-nente conquistou prêmios nas principais categorias: melhor iluminação, melhor ator, melhor diretor e melhor espetáculo. Sem esconder o entusiasmo, o diretor Carlos Alexandre



comenta que observou, ao longo destes anos, um amadurecimento significativo em todas as esferas dramáticas que compõem a ação. “Jovelina e Catharina estão mais vivas do que nunca. A dinâmica encontrada pelos atores durante as cenas tornou os diálogos mais graciosos, leves, engraçados e ainda cheios de conflitos


jogados para o público de forma sutil” afirma Carlos. Hoje, após três anos de premiadas apresentações ao redor do Brasil, as Mulheres se encontram no Teatro Miguel Falabella, no Norte Shopping, Zona Norte do Rio.

Se em cena os integrantes deste espetáculo são excelentes e



premiados profissionais, por trás da coxia eles também dão show. Extremamente humildes, os integrantes da Companhia Teatro Autoral, que compõem o elenco da peça (Leandro Bertholini, Leo Campos, Carlos Alexandre e Raphael Miguel) não

pouparam esforços fora das apresentações, fazendo trabalho de faxineiros a eletricitistas, tudo em prol do bom andamento do espetáculo. Uma lição para noviços e profissionais: sem suor, paixão e dedicação, nenhum sonho ganha vida. ■



Catharina e Jovelina em
frente ao banco da praça



(Re)utilize

Use as tendências da estação de um jeito mais sustentável.

por Clarissa Affonseca

O sol começa a aparecer mais cedo e o clima vai ficando mais agradável, sinais da primavera que já chegou ao hemisfério sul. As cores

mais vibrantes se sobressaem aos pretos, os casacos vão sendo trocados pelos vestidos e o guarda-roupa parece precisar de renovação. Será mesmo?

Todos os anos, os desfiles de moda mundo afora revelam as tendências do que vai ser moda e, os veículos de comunicação e de propaganda são tão eficazes que motivam toda a sociedade a desejar possuir alguns - senão todos - destes objetos. Porém, o povo se esquece de que as tendências de hoje são releituras daquilo que, no passado, já foi moda.

Então, prepare-se para abrir o seu armário e ver com outros olhos roupas ou combinações que você nunca antes pensou em fazer. Mas antes veja quais serão as tendências e dicas de como usá-las.

Franjas

Invadiram as passarelas. Estão nos vestidos, camisas, saias... Mas como são muito ousadas você pode procurar por esse elemento em colares, brincos e bolsas.

Macacões

Em modelos e estampas variadas, eles serão as peças-chave da estação. Se você possui algum modelo básico, não hesite em usar acessórios para complementá-lo. Lenços estampados também serão tendência e podem ser usados nos cabelos ou amarrados nas bolsas para formar um look casual e praiano.

Branco total

O look monocromático vai ser, mais um vez, tendência pro verão 2012. Além de muito elegante, a composição emagrece por não “cortar” a silhueta com padronagens diferentes. Então procure por peças da mesma cor e teste inúmeras combinações. Para ajudar no styling, escolha um acessório de cor diferente e mais viva para ter destaque no look.

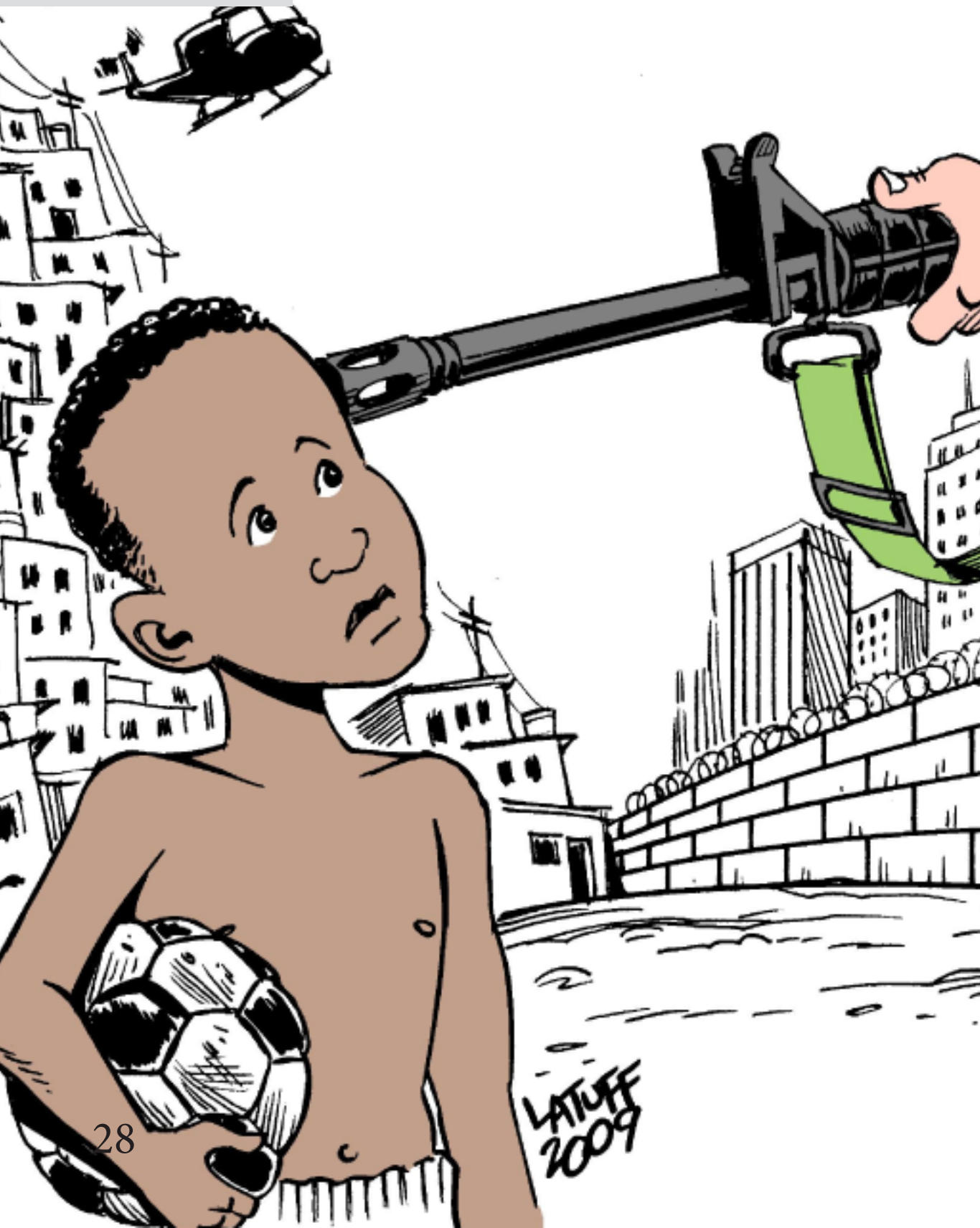


Mix de estampas

Tanto nas roupas como nos acessórios, essa tendência é mundial. O interessante é fazer experiências e ver no espelho o que combina melhor. Mas lembre-se de que as estampas têm de ter pelo menos uma cor em comum para a mistura ficar harmoniosa. E para quem tem medo de errar, aposte nessa mistura nos acessórios.

E se, mesmo depois de todas essas dicas, você ainda acha que ficou faltando algum detalhe pra você ficar dentro da moda neste final de ano, invista nos brechós. Eles são lugares maravilhosos pra quem busca algo especial e único para complementar seus looks e, ainda são sustentáveis. Entre nessa onda e use a imaginação. Você vai se surpreender com sua capacidade criativa e com o dinheiro que sobrar no final do mês. ■







Podres Poderes

Segurança para quem?

por Bruno Buhr

Segurança Pública é um tema que acende as paixões humanas e, normalmente as menos nobres, como o ódio e o desejo de vingança. Estimulados pelos sangrentos telejornais os eleitores clamam pelo sangue dos “inimigos” da cidadania, os fornecedores do medo das classes abastadas e aplaudem as reações fascistas de um estado truculento.

Antes de tudo, devemos nos perguntar: a quem são dirigidas as ações de segurança pública? Em que se baseiam tais ações? Se existe uma clientela fiel às ações de segurança e políticas penais do estado, esse alguém é a pobreza. Vale também afirmar que os esforços bárbaros do leviatã se encerram apenas na contenção das estatísti-

cas criminais. E nunca na resolução do problema.

As UPPs foram aclamadas pela mídia e pela opinião pública como uma belíssima e altruísta intervenção do estado que se importa com a proteção e segurança daqueles que são alijados das facilidades encontradas no asfalto, aqueles que moram em barracos de madeirite, aqueles cujos filhos brincam no esgoto a céu aberto e que recebem serviços precários de educação e saúde. Nada disso; as UPPs foram instaladas para proteção das classes média e alta da zona sul do Rio de Janeiro e como forma de garan-

tir o sossego dos turistas nos jogos olímpicos.

O estado falha duas vezes; na primeira quando não oferece serviços essenciais a um desenvolvimento digno, como educação, saneamento básico e saúde. Sem uma educação de qualidade o acesso aos melhores empregos fica obstaculizado deixando jovens e adultos sem uma formação. Desta forma, ficam mais suscetíveis aos sedutores apelos do tráfico de drogas, que promete uma remuneração que excede as expectativas de um emprego formal, configurando-se uma via alternativa de acesso aos



bens de consumo, assim como forma de obtenção do respeito entre os seus e a tão almejada atração do sexo oposto.

A segunda falha se concerne no encarceramento daqueles que o filósofo Zigmund Bauman, denomina de “refugio humano”, ou ainda, consumidores falhos, aqueles que são desconsiderados

pela publicidade, mas que em contrapartida não a desconsideram absorvendo todos seus estímulos, porém, sem poder de resposta. É notório que o caráter sócio educativo da pena não passa de mais uma balela constitucional ignorada por todas as esferas de poder. A cadeia não passa de uma fábrica que produz excluídos em série. Dentro



desses estabelecimentos nada se cultiva além de ódio, rancor e sofrimento, um verdadeiro purgatório institucional. Aqueles que se enveredam pela seara do crime acabam sofrendo as mazelas da carne nos porões da sociedade, submetidos a condições animais. Sem espaço ou higiene esses

homens e mulheres são privados de sua condição humana por anos a fio.

Depois de cumprida a pena imposta, aqueles que saem destes recintos medievais, o fazem com um único título, ou melhor, um estigma ou chaga: a de ex detento. São então novamente

rechaçados, alijados do mercado de trabalho que não confia naquele que delinuiu e pagou a tal dívida com a sociedade. Ainda dizem por aí que não há prisão de caráter perpétuo neste país. Existe opção mais disponível para um ex detento do que a reincidência? É claro que assim como as ações e intervenções estatais referentes à segurança são voltadas para o controle e encarceramento da pobreza, as penas são totalmente relativizadas quando se trata de crimes cometidos por classes abastadas. Políticos não vão presos e milionários podem cumprir suas penas no conforto de seus luxuosos lares. No Brasil, nos assusta mais

um menino com um fuzil do que cuecas recheadas de dinheiro, no entanto, nunca estabelecemos uma relação de causalidade entre um fato e outro.

“...Com esses afagos, nutriu-se um monstro...”

Mas não são apenas estes fatores que fecham o complexo conjunto de problemas que afetam a segurança, ainda há a criminalidade institucional, quando braços do estado agem por conta própria criando sub serviços ilegais como a ação das milícias no Rio De Janeiro que a prin-

cípio eram vistas como uma benesse, uma mão-zinha privada nas atribuições estatais e, com estes afagos nutriu-se um monstro, ou melhor, um tentáculo independente bem como as mãos transmutadas do clássico Dr. Jekyll esganando o próprio pescoço. A tortura de jornalistas do jornal O Dia por estes grupos, na favela do Batan, em 2008 abriu os olhos da opinião pública para a real dimensão do problema. Quase um ano antes deste fato o Deputado do PSOL Marcelo Freixo já havia feito um pedido para instauração de uma CPI, pedido este que só foi atendido em junho

de 2008. Quase três anos após o término da CPI, mais uma ação miliciana nos choca pela ousadia; o brutal assassinato da juíza Patrícia Acioli retoma as discussões sobre os poderes destes grupos.

Desta forma, é um erro tentar enxergar o fenômeno criminal como um problema isolado, quando de fato é uma questão complexa que envolve a conexão de pontos aparentemente destoantes e distantes como educação e saúde, para que se consiga formar uma figura que faça sentido. A questão da segurança, amigos leitores, é uma obra de Monet.■





O ser humano híbrido

Como trocamos produtividade por economia.

por Rafael Farah

O mundo profissional sempre girou em torno de especialidades. De pós graduações à cursos técnicos, o foco específico sempre foi valorizado Até agora. Uma crescente tendên-

cia vem ganhando cada vez mais força: o ser humano híbrido. A hibridiz é por definição uma anomalia – inicialmente genética – que se dá pela junção de duas espécies distintas, mas tire-

mos uma licença poética para descrever estes “paus para toda obra”.

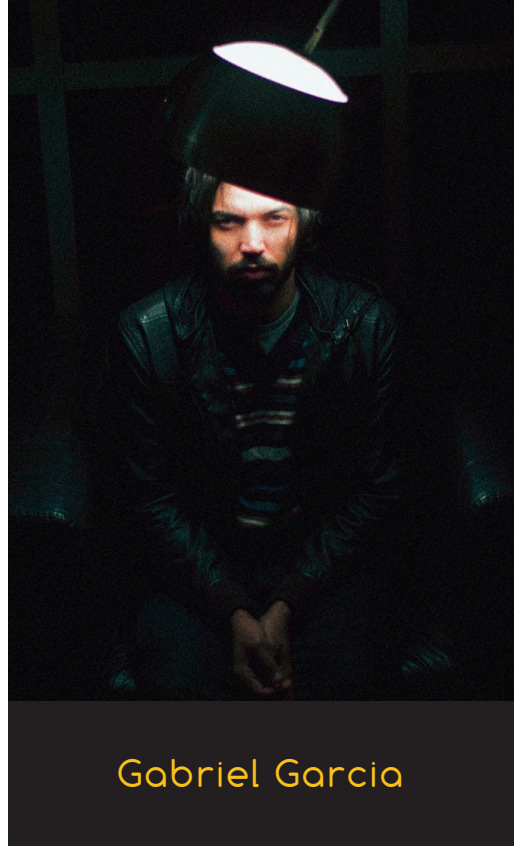
Os motivos por trás do surgimento desta tendência ainda se mantêm obscuros, mas ainda assim podemos especular. Talvez a saturação do mercado profissional, combinada com nossa cultura de hiper valorização tenha criado esta necessidade, mas o fato é que o ser humano tende a ramificar cada vez mais para diferentes áreas, como o ator que produz, dirige, atua e escreve, ou o designer que produz e edita músicas e filmes, e ainda é web designer. Esta postura mostra que o ser humano está cada

vez mais individual. Levamos o ditado “se quiser algo bem feito, faça você mesmo” ao pé da letra e cada vez mais transformamo-nos em empresas de uma pessoa só.

“...Abraçar o mundo é um exercício hercúleo...”

É o caso do músico, publicitário, concept maker, fotógrafo, pai, designer, produtor fonográfico e de eventos, Gabriel Garcia. Gabriel é uma “agência ambulante”, como ele próprio admite, por ter experiência em todas as áreas de comunicação necessárias

para criar e manter uma agência de publicidade. O publicitário conta que sua única formação é em comunicação e, seus outros talentos e habilidades são resultado de bastante observação e auto-consciência. De acordo com ele, o conceito de ser humano híbrido tem seu lado bom e ruim. “Não dependemos mais de tantos especialistas, mas abraçar o mundo é um exercício hercúleo e, muitas das vezes, quando tentamos fazer de tudo, acabamos por não fazer nada. Essa postura nos liberta e limita ao mesmo tempo”. Garcia muitas vezes já se viu engessado em múltiplos projetos por ter dificuldade em terminá-los e,



Gabriel Garcia

conta que a solução dos seus problemas foi aprender a delegar funções, mantendo, claro, seu olhar perfeccionista sobre os projetos.

Para Gabriel, esta nova onda é uma mistura de necessidade com capacidade, e ainda aponta a internet como um dos

pivôs nesta mudança de pensamento: “com a internet, saímos de um mundo onde o meio profissional era perfeitamente dividido para entrarmos em um cheio de possibilidades e facilidades. As portas estão escancaradas, como buracos negros, e as pessoas não perdem a oportunidade de transpassá-las”.

Esta hibridez se confunde com a também crescente tendência das multitarefas (multitasking), que é um território perigoso. Estariam

estes profissionais diminuindo produtividade em prol de uma postura economicamente mais eficiente? De acordo com Garcia, “estas pessoas tem de fazer o exercício diário de estarem abertos para outras oportunidades e possibilidades, sem perder o foco”. Por mais difícil que pareça, não é um trabalho impossível, como mostra o músico, que além de produzir músicas e vídeos, está prestes a abrir sua agência de publicidade. “De um jeito ou de outro, é preciso ter foco”. ■





Lama, dor, confusão e glória

Os altos e baixos dos festivais musicais.

por Cadu Senra

Os grandes festivais de música sempre encheram os olhos do público. A oportunidade de poder assistir ao show de vários ídolos em um mesmo dia é irresistível e, poucos são os que

se atrevem a perder estes eventos. Os esforços do público às vezes parecem ultrapassar o limite do bom senso. Longas distâncias, empurra-empurra, temporais, horas em pé e condições

higiênicas precárias, são alguns dos contratempos enfrentados por seus frequentadores. Porém - na maioria das vezes - toda a dor, desconforto e risco a que os fãs são expostos, são recompensados no exato momento em que seu artista preferido sobe ao palco.

O Woodstock, conhecidamente como um dos maiores expoentes da história dos festivais, contou com um público de mais de 500 mil pessoas em uma pequena fazenda do interior de Nova York, em 1969; uma loucura, levando em consideração que a expectativa era de alcançar o número máximo de 200 mil *hippies* e simpatizantes.

É dispensável dizer que não havia água, comida ou instalações suficientes para todos. Como higiene não era o forte dos fãs do festival, Janis Joplin, Hendrix, The Who e companhia, não enfrentaram dificuldades para lidar com seu público, adeptos do lema “Paz e Amor”.

“...Sendo obrigados a pagar altos preços por líquido e comida...”

Sua Reedição de 1999, entretanto, não obteve a mesma sorte. O povo presente, que se encontrava sob forte calor e, enfurecido pelo veto a mantimentos

vindos de fora - sendo obrigados a pagar altos preços por líquido e comida - acabou saindo de controle. Supostamente incentivados por Fred Durst, vocalista do Limp Bizkit, o público começou a brigar entre si e iniciar um quebra-quebra das instalações. Para completar, enquanto os Red Hot Chili Peppers tocavam "Fire", de Hendrix; fogueiras foram acesas com velas, enquanto garrafas plásticas eram usadas para alimentar o fogaréu. Como resultado, parte da estrutura do local pegou fogo, dando início a tumultos que deixaram um bom número de feridos.

No Brasil, o Rock In Rio é o mais antigo repre-



sentante dos grandes festivais. Sua primeira edição, em 85, contou com bandas como Queen e AC/DC. Em um Brasil recém saído da ditadura, o clima de festa e liberdade não foi atrapalhado por absolutamente nada. Nem mesmo a chuva, que transformou o terreno do evento em um lamaçal



fétido, arruinou o clima. Suas edições vindouras mantiveram o sucesso. A última, ocorrida este mês, teve direito a um temporal nostálgico durante o show da banda de fechamento, Guns N' Roses. Desta vez, para a sorte do público e, pelo primor da produção do espetáculo, o terreno era reco-

berto por grama sintética, portanto, sem lama.

Hoje em dia o Brasil conta com outros fortes representantes. Inicialmente idealizado como uma continuação do lendário Woodstock, o SWU estreou ano passado, com sucesso, no interior de São Paulo. A

edição deste ano, que acontecerá em novembro, promete. O festival, que levanta a bandeira em prol da sustentabilidade, vem com um *line-up* recheado de bandas conceituadas, como The Strokes, Stone Temple Pilots e Sonic Youth. Outros exemplos, voltados para a música nacional são o Planeta Atlântida, no sul do país; e o Festival de Verão, no nordeste.

O boom de imagem que o Brasil enfrenta lá fora vem facilitando o crescimento de grandes eventos como estes. Cabe aos governantes e ao povo mostrar se estão aptos a realizar, e ainda serem capazes de desfrutar – pacificamente – de suas próprias festividades; ou se irão se envergonhar de suas multidões descontroladas e seus comandantes despreparados. ■





Vinícius é um cineasta sem obra. O apaixonado pela arte, nos fala sobre seu apreço por Kevin Smith e seus trabalhos. Integrante do coletivo de realizadores Original Cinema Clube, carrega o clichê de cineasta com café e cigarros para onde vai, nunca largando sua veia artística.

Kevin Smith, assim com Woody Allen, Tim Burton, Tarantino, Sophia Coppola, Clint Eastwood, Jim Jarmusch, Martin *Scorsese* e Cláudio Assis (aqui pras bandas de Pindorama) fazem parte de um panteão de cineastas na ativa que me fazem levantar a anca preguiçosos do sofá para ir ao cinema. Sou assumidamente aficionado pela filmografia do gordinho que dá vida ao *Silent Bob*. Portanto quaisquer comentários aqui tecidos sobre sua obra estarão fadados a mais absoluta parcialidade. Por mim, *Mallrats* deveria ter sido laureado com uma Palma em Cannes, um Urso em Berlim ou um Leão em Veneza. Jason Mewes há muito já seria merecedor de uma estrela na calçada de frente ao *Grauman's Chinese Theatre*.

Dessas quase duas décadas de vida da *View Askew Productions* me ponho a escrever sobre sua obra mais perfeita: "Menina dos Olhos", homenagem do cineasta ao seu pai, Donald E. Smith, falecido um ano antes. Contando com estrelas do calibre de Ben Affleck, Liv Tyler, Jason Biggs, J.Lo (sério!) e Will

“*Motherfucker Picadas Galáxias*” Smith; Menina... é talvez o filme mais caro da carreira do cineasta de *New Jersey* e provavelmente deu prejuízo. Mas isso não importa. A história nos é iniciada através de um trabalho de casa de redação contado em sala de aula pela pequerrucha e fofolética Gertrude (Raquel Castro), que narra a vida de seu pai, da transformação de Ollie (Ben Affleck) de bem sucedido *yuppie* frequentador das altas rodas do *entertainment* de *Manhattan* em um pacato trabalhador de um subúrbio de *Jersey*, após à morte de sua esposa (Jennifer Lopez), vítima de um aneurisma durante o parto de Gertrude. (*Jenny from the block* morre cedo na trama não dando tempo da mesma atrapalhar).

A pegada cômico-dramática de mensagem moral da fita em algo se assemelha com a obra de Sandler, sem tanta explicitação moralista arraigada ao *plot*. Referências ao mundo pop surgem aos borbotões, mas estas não estão atreladas a um universo nerd, como

é de praxe nos filmes de Smith. *Darth Vader* dá lugar a *Dirty Dancing*, Stan Lee cede a cadeirinha para *Cats* e *Sweeney Todd*. Apesar de ter *Highlands*, Nova Jersey como ambiente de boa parte da história, *Menina dos Olhos* não pode ser considerado um filme da série *Jersey* (*Clerks*, *Mallrats*, *Chasing Amy*, *Dogma*, *Jay and Silent Bob Strikes Back* e *Clerks II*). Não tem Jay e Silent Bob. Mas têm Matt Damon, Jason Lee e Harley Quinn Smith (senhora Kevin Smith). A dolorosamente bela Liv Tyler (Maya – balconista de locadora, obviously!) e o animal Will “*Fresh-Prince*” Smith também batem cartão na tela. Mesmo lançando mão de muitos clichês do Cinemão e adotando uma edulcorância quase piegas, “*Menina dos Olhos*” é bonito, divertido e carregado de grande valor cinematográfico em cada centímetro de película sensibilizada.

Vinícius José

CRASE